

# A compreensão do mal à luz das imagens da mulher e do dragão no livro do Apocalipse 12

*The understanding of evil in light of the images of women and men dragon in the book of Revelation 12*

*Luiz Henrique Gregório de Lima*

## Resumo

Diante de situações desafiadoras, como as que o mundo vivenciou frente a uma pandemia, o imaginário popular inclina-se a fazer uma leitura fundamentalista e superficial da literatura apocalíptica, atribuindo-lhe muitos sentidos que não condizem com a realidade. O presente artigo se propõe a tentar desmistificar a visão constituída do mal no Apocalipse 12, da sua compreensão numa perspectiva puramente restritiva, mas além disso, o mal como todo tipo de opressão e de oposição ao evangelho de Jesus Cristo e ao desenvolvimento da fé cristã. Toda a simbologia presente na obra traz uma chave para uma leitura significativa que, por meio de suas personagens revestidas por arquétipos, revela um mal que, não obstante, está personificado nas estruturas dominantes e bem concretas. Mostrando-se nas dificuldades internas e externas pelas quais as primeiras comunidades cristãs estavam passando, e que era preciso utilizar de muita criatividade para superar essas dificuldades, apresentando uma resposta de esperança.

**Palavras-Chave:** Apocalipse. Arquétipo. Dragão. Mal. Mulher.

## Abstract

In the face of challenging situations, such as the world experiencing a pandemic, the popular imagination tends to make a fundamentalist and superficial reading of apocalyptic literature, attributing to it many meanings that do not match reality. The present article aims to try to demystify the vision constituted by evil in Revelation 12, of its understanding in a purely restrictive perspective, but beyond that, evil as every type of oppression and opposition to the gospel of Jesus Christ and to the development of Christian faith. All the symbology present in the work brings a key to a meaningful reading that, through its characters covered by archetypes, reveals an evil that, nevertheless, is personified in the dominant and very concrete structures. Showing itself in the internal and external difficulties that the first Christian communities were going through, and that it

was necessary to use a lot of creativity to overcome these difficulties, presenting a response of hope.

**Keywords:** Apocalypse. Archetype. Dragon. Bad. Woman.

## Introdução

O livro do Apocalipse (Ap), que dá nome ao gênero literário apocalíptico, é permeado por polêmicas em relação à vida pastoral. O objetivo da literatura apocalíptica é a revelação, entretanto, por vezes, sua interpretação é realizada de forma equivocada.

Uma justificativa para este fato pode ser a linguagem simbólica utilizada. Ler o Apocalipse implica compreender uma obra literária e poética que, por meio de abordagens preconceituosas, a leitura pode negligenciar os valores implícitos em imagens, símbolos e metáforas, os arquétipos.

Essa linguagem simbólica está fortemente presente em Ap 12 que, como analisaremos mais adiante, apesar de repleta de sentidos implícitos, apresenta muitos problemas na compreensão dos significados. Este artigo pretende desenvolver uma compreensão da problemática que gira em torno do embate entre as forças mal – *Thánatos* – a mulher e sua descendência, defensores da vida, por meio da apresentação das personagens do relato de Ap 12, na perspectiva bíblico-teológica, bem como do contexto sócio-histórico no qual o texto foi escrito.

A partir da análise dos arquétipos que constituem tais personagens, buscar-se-á elucidar a importância que a decodificação desses elementos tem para um melhor entendimento do livro do Apocalipse sob uma perspectiva cristã, humanista, contemporânea. Trarei ainda possíveis respostas para os questionamentos que permeiam a existência de tais figuras e como essas servem de base para a exemplificação de eventos e ou paradigmas implícitos.

O objetivo geral desta pesquisa é compreender como a mistificação a partir de uma visão restritivamente fundamentalista pode coibir o papel de cada elemento apresentado em Ap 12. Os objetivos específicos, por sua vez, são: analisar cada arquétipo presente ao longo do texto, decodificar os elementos trazidos e seu papel no processo de significação inerente à fé cristã e ainda elucidar questionamentos sobre a presença da figura do mal aparente e presente sem promover visões distorcidas e ou preconceituosas.

O presente trabalho tem relevância no contexto acadêmico por trazer questões importantes que muitas vezes são obscurecidas. Tem ainda como prerrogativa promover o debate sobre um tema tão representativo que, devido aos direcionamentos e posicionamentos, não encontra espaço para análises mais profundas.

A metodologia adotada foi a revisão de literatura que segundo Manual de Publicação da APA<sup>1</sup> é constituída por avaliação crítica de material já publicado, com o intuito de auxiliar no esclarecimento de um determinado problema ou questionamento. Essa metodologia, segundo esse manual, é constituída ainda por meta análise e síntese.

O trabalho será constituído em dois capítulos cujo o primeiro relaciona e configura

---

<sup>1</sup> MANUAL de Publicação da APA/ American Psychological Association, p. 26.

a perspectiva bíblica e teológica quanto aos personagens e seus arquétipos. Já o capítulo trará uma abordagem analítica do contexto socioeconômico no qual se desenvolveu o texto tratado aqui neste trabalho.

## 1. Perspectiva bíblico-teológica das personagens de Ap 12

O livro do Apocalipse, como já mencionado, tem como tema central o conflito entre Deus e as forças do Mal. No Ap 12, encontra-se o ápice desse conflito. Os vários recursos literários empregados e seu rico simbolismo revelam ao leitor a realidade vivida pela comunidade cristã primitiva, por meio da descrição da luta do Dragão contra a Mulher e seu Filho.

Arens e Díaz Mateos<sup>2</sup> afirmam que o Ap 12 e o 13 revelam, a partir de uma visão mencionada por João, a origem das agressões praticadas pelo império contra as comunidades e como ocorreriam as perseguições. Ainda de acordo com esses autores:

João apresenta três momentos de uma mesma visão: a mulher e o dragão (12,1-6), o combate no céu (12,7-12) e, de novo, a mulher e o dragão (12,13-17). A visão do Ap 12 mostra a razão da guerra contra 'aqueles que observam os mandamentos de Deus e guardam o testemunho de Jesus' (v. 17) e incita à perseverança pela certeza da vitória.<sup>3</sup>

Em uma análise literária de Ap 12, e partindo do pressuposto que o texto é resultante da justaposição de unidades textuais, Lima<sup>4</sup> considera que Ap 12 demonstra várias cenas narrativas dispostas de maneira estratégica que se complementam. Elucida ainda que o uso de um simbolismo abrangente, sendo essas unidades textuais: A Mulher e o Dragão (vv. 1-6); Guerra no céu (vv. 7-9); Hino de vitória (vv. 10-12); e Perseguição à Mulher (vv. 13-17), configuram os principais arquétipos.

Os arquétipos, segundo nos aponta Jung<sup>5</sup>, são constituídos por ideias no sentido platônico, ligadas a conceitos ou significados representados em símbolos. Edinger<sup>6</sup> acrescenta que, sob a perspectiva Junguiana, são fenômenos espontâneos, referindo-os como algo que escapa do arbítrio dos indivíduos, possuindo assim uma certa autonomia.

Para Jung<sup>7</sup> as ideias ao se emanciparem da vontade dos indivíduos deixam de ser constituições “*nominais*”, ou seja, não podem ser representadas apenas por algo que nomeiam, transcendem o objeto e concomitantemente os limites de uma ideia. Se as personagens carregam arquétipos que não podem ser nominados explicitamente, é no aprofundamento do texto e da teia de significados que devemos nos debruçar.

Um autor pode, ao se apropriar dos arquétipos, se apropriar de ideias implícitas de um texto que pode emergir de outro. Sobre a intenção do autor do Apocalipse, ao utilizar essa técnica de intertextualidade entre as unidades textuais, Lima afirma que “é objetivo do autor fazer com que usemos as imagens e símbolos de uma para interpretar

<sup>2</sup> ARENS, E.; DÍAZ MATEOS, M., O apocalipse, p. 214.

<sup>3</sup> ARENS, E.; DÍAZ MATEOS, M., O apocalipse, p. 214.

<sup>4</sup> LIMA, A. de., O Apocalipse 12, p. 206.

<sup>5</sup> JUNG, C. G., Os arquétipos e o inconsciente coletivo, p. 88.

<sup>6</sup> EDINGER, E. F., Arquétipo do Apocalipse, p. 27.

<sup>7</sup> LIMA, A. de., O Apocalipse 12, p. 206.

outra”.<sup>8</sup>

Nos comentários das notas de rodapé da Bíblia de Jerusalém,<sup>9</sup> observa-se que “o Ap 12 combina os elementos de duas visões distintas: o combate do Dragão contra a Mulher e sua descendência (vv. 1-6 e 13-17); o combate de Miguel contra o Dragão (vv. 7-12)”. Em Ap 12,1-6, encontramos a descrição das personagens envolvidas neste combate entre Deus e as forças do Mal.

Tais indícios podem trazer informações pertinentes quanto às ideias intrínsecas do texto, contudo, é sob a égide dos arquétipos e ou constituições simbólicas que devemos imergir. Naturalmente que alguns significados podem configurar seus sentidos concisos e ou mesmo mais amplos e nesse ínterim a análise deverá se pautar no cuidado de não se antecipar numa efêmera interpretação dos dados.

O Ap 12 é uma obra embutida em significados como afirmamos até esse ponto e, nas palavras de Boff:<sup>10</sup> “é uma das páginas mais cheias de sentido e, ao mesmo tempo, mais problemáticas do Novo Testamento.” Ainda segundo esse mesmo autor: “efetivamente, o tema central do Livro da Revelação é o grande embate entre Deus e o Mal – embate esse que encontra em Ap 12 seu ponto culminante.”

Nos subcapítulos a seguir, farei uma análise sobre tais perspectivas definidas anteriormente. Buscando exemplificar os significados contidos em cada arquétipo inerente aos personagens, além de relacioná-los a posteriori com os contextos que foram compostos.

## 1.1 A Mulher

A Mulher, figura mais importante da cena, descrita por João como um grande sinal, será a primeira personagem a ser analisada: “Um grande sinal foi visto no céu: uma Mulher vestida de sol, com a lua debaixo de seus pés, e, sobre sua cabeça, uma coroa com doze estrelas. Está grávida e grita tendo dores de parto e sofre tormentos para dar à luz”.<sup>11</sup>

Na primeira parte da apresentação da Mulher (v. 1), verificamos a riqueza da simbologia empregada para apresentar a personagem. Em um único versículo, três símbolos dão a dimensão de sua grandeza:

O sol que a envolve destaca sua relação particular com Deus, de acordo com a simbologia bíblica. Também o rosto de Jesus, na visão inaugural do Apocalipse, é resplandecente como o sol “quando brilha com toda a sua força” (Ap 1,16). O pormenor do sol que transfigura a Mulher afirma que ela participa, desde já, da transcendência divina, gozando de uma particular proximidade com Deus. [...] O fato de a Mulher ter a lua debaixo de seus pés indica que ela já vive em uma dimensão superior à do tempo que passa, pois na Antiguidade a lua servia para determinar as estações, estabelecer as festas litúrgicas e o calendário. A Mulher está, pois acima dos acontecimentos humanos, olhando para as realidades eternas. A coroa de doze estrelas sobre sua cabeça é sinal da vitória final, apesar das dificuldades que

<sup>8</sup> ARENS, E.; DÍAZ MATEOS, M., O apocalipse, p. 214.

<sup>9</sup> BÍBLIA DE JERUSALÉM, p. 2154.

<sup>10</sup> BOFF, C. M., Mariologia social, p. 381 - 382.

<sup>11</sup> Ap 12, 1-2

deve enfrentar na história.<sup>12</sup>

De acordo com Vanni,<sup>13</sup> a Mulher simboliza o povo único de Deus, o do Antigo Testamento que agora é conhecido no Novo. Também para Arens e Díaz Mateos<sup>14</sup> a Mulher e sua descendência representam o povo de Deus. Para Andrade<sup>15</sup> representa Israel e a Igreja, visto que receberam por missão dar o Messias ao mundo. Já no entendimento de Casalegno<sup>16</sup> é a imagem do povo de Deus e, particularmente, da comunidade cristã.

Alguns autores associam a Mulher à figura de Maria. Boff<sup>17</sup> afirma que “é impossível que o pintor da mulher cósmica de Ap 12 não tenha pensado na mulher junto da cruz que ele mesmo outrora havia pintado”, como podemos conferir em Jo 19, 25-27. Faz referência ainda a um exaustivo estudo de Pavol Farkas<sup>18</sup> sobre o material exegético e teológico sobre Ap 12 no período de 1960 a 1990, concluindo que a dimensão mariana do referido capítulo do Apocalipse foi sendo cada vez mais reconhecida pelos estudiosos.

A segunda parte da apresentação da Mulher (v. 2), de acordo com Casalegno<sup>19</sup> a especificação de que a personagem, grávida, estando nas dores e tormentos, tendo em vista dar à luz, não indica uma situação passageira de gravidez, mas uma situação permanente. Vanni<sup>20</sup> afirma que para entender o sentido do parto e os tormentos que o acompanham, apresentados no versículo 2, são necessárias outras considerações, encontradas no relato do segundo sinal, onde é apresentado outro personagem – o Dragão, que veremos a seguir.

## 1.2 O Dragão

Em contraste com a grandiosidade do sinal da Mulher, surge no céu um outro sinal:

Foi visto outro sinal no céu: e eis um grande dragão vermelho que tem sete cabeças e dez chifres. sobre as cabeças tem sete diademas. Sua cauda varreu um terço das estrelas do céu e as lançou para a terra. O dragão se postou diante da mulher que estava para dar à luz, para devorar a criança quando nascesse.<sup>21</sup>

A simbologia empregada – indicativa de poder – para apresentar o Dragão e a pormenorização na descrição das características da personagem revelam a identidade do mal. Casalegno, enumerando essas características, afirma que:

A cor vermelha, como fogo, faz referência à sua violência e ao sangue de suas vítimas (Ap 6,4). As sete cabeças realçam seu imenso poder destrutivo, porque “sete” é o número da perfeição. A assimetria com o número “dez” dos chifres, que simbolizam sua força

<sup>12</sup> CASALEGNO, A., E o cordeiro os vencerá, p. 137 - 139.

<sup>13</sup> VANNI, H., Apocalipse, p. 66, 159 - 160.

<sup>14</sup> ARENS, E.; DÍAZ MATEOS, M., O apocalipse, p. 214.

<sup>15</sup> ANDRADE, A. L. P. de., Eis que faço novas todas as coisas, p. 106.

<sup>16</sup> BÍBLIA DE JERUSALÉM, p. 2154.

<sup>17</sup> BOFF, C. M., Mariologia social, p. 389.

<sup>18</sup> BOFF, C. M. Mariologia social, p. 175 – 193.

<sup>19</sup> BÍBLIA DE JERUSALÉM, p. 2154.

<sup>20</sup> BOFF, C. M., Mariologia social, p. 381 - 382.

<sup>21</sup> Ap 12,3-4

desmesurada (Dn 7,7c), indica que nas suas feições há algo de repugnante. Os sete diademas, ornamento dos reis, são símbolos de suas vitórias. O fato de aparecer no céu indica a dimensão ultra terrena do mal, diante do qual o ser humano se sente impotente. Seu poder é tão grande que apenas um golpe da cauda pode arrancar do céu um terço das estrelas, profanando a esfera divina e destruindo a ordem estabelecida por Deus na criação como nos refere Casalegno.<sup>22</sup>

Identificado no versículo 9, o Dragão – a antiga serpente, o chamado Diabo e também Satanás – é a personificação do mal, o requinte da malignidade. Para Boff<sup>23</sup> na personagem do Dragão há uma sobreposição simbólica em que o Dragão tem tríplice representação: é, em primeiro plano, o Maligno, conforme o próprio versículo 9 explica; é também a potência do Mal, a força de *Thánatos*, operando no mundo, lutando contra o poder do Amor, não se tratando mais do Príncipe deste mundo, mas do princípio do mal; representa, por fim, os sistemas injustos, como foi o Império Romano.

Acerca da apresentação do Dragão nos vv. 3-4, Vanni<sup>24</sup> afirma que é apresentado como uma força pavorosa, de natureza hostil e sanguinária, e tende a introduzir-se na história humana, especialmente nos centros de poder (a simbologia do poder, conforme destacado acima), possuindo caráter dessacralizador (estrelas lançadas na terra). “Essa força monstruosa arma ciladas ao povo de Deus”.

Na segunda parte da apresentação (v. 4), o Dragão, que quer devorar o Filho da Mulher tão logo ela dê à luz, posta-se diante dela de maneira atemorizante, um indicativo de que as perseguições contra a Igreja ocorrem em todas as épocas, visto que a Mulher sofre as dores de parto de forma permanente. O desenlace dessa cena se dá com o nascimento do Filho.

### 1.3 O Filho

Com a revelação da terceira personagem – o Filho – a unidade textual é concluída:

Ela deu à luz um filho, um varão, que regerá todas as nações com cetro de ferro. Seu filho, porém, foi arrebatado para junto de Deus e de seu trono, e a Mulher fugiu para o deserto, onde Deus havia preparado um lugar em que fosse alimentada por mil, duzentos e sessenta dias.<sup>25</sup>

O Filho é o Messias. Os símbolos empregados para apresentá-lo também são indicativos de poder, embora ainda não o exerça. Boff analisa esses símbolos: é um “*filho homem*”, (o que representa a virilidade, a força), que *governará* todas as nações (como chefe escatológico), com *cetro* de ferro (expressão forte, sugestiva de uma ditadura messiânica, porém finalizada na salvação).

Entretanto, a despeito do poder que se infere a partir do simbolismo empregado, “o poder do Messias, em confronto com o do Dragão, será de outra ordem. Trata-se de um poder

<sup>22</sup> BÍBLIA DE JERUSALÉM, p. 2154

<sup>23</sup> BOFF, C. M. Mariologia social, p. 395, 398.

<sup>24</sup> VANNI, H., Apocalipse, p. 66 - 67.

<sup>25</sup> Ap 12,5-6

que nasce do sacrifício de si, do sofrimento por amor, do testemunho selado com o próprio sangue.”

O nascimento descrito no versículo 5, assim descritos Arens e Díaz Mateos “não é o de Belém, mas o da madrugada da Páscoa: tão logo nasceu foi arrebatado para junto de Deus e seu trono. O nascimento é simultaneamente sua vitória.”<sup>26</sup> É a culminância do Mistério Pascal.

Na perspectiva de que a situação de gravidez da Mulher é permanente e que sofre continuamente as dores do parto, escreve Casalegno:

O filho gerado pela Mulher não é somente o Messias histórico, mas são também os cristãos que fazem parte da Igreja e vivem de acordo com os mandamentos de Deus (12.17). O filho arrebatado para junto de Deus se identifica, assim, com o Cristo total, com o povo de Deus no seu conjunto, gerado constantemente na história (Gl 4,19; Cl 1,24). [...] Se a Mulher gera frutos que permanecem para a vida eterna, ela continua lutando na terra, sendo objeto contínuo da perseguição do Dragão. O deserto, para o qual fogem os perseguidos como Moisés e Elias, é o lugar preparado por Deus para ela, chamada a viver, de forma nova, a experiência de Israel depois da saída do Egito.<sup>27</sup>

A narrativa do nascimento e arrebatamento do Filho fundamenta o motivo pelo qual o Dragão persegue a Mulher, que “continua exposta à fúria do dragão, que se volta contra ela” segundo nos aponta WEILER.<sup>28</sup> Com a narrativa dos vv. 5 e 6, dá-se o fechamento dessa unidade textual do Apocalipse 12. Conforme verifica-se no início da presente seção, são apresentadas formas diversas de analisar a estrutura deste capítulo. Adoptando-se a perspectiva de Arens e Díaz Mateos,<sup>29</sup> restaria analisar os momentos do combate no céu (vv. 7-12) e novamente a Mulher e o Dragão (vv. 13-17).

Weiller, entretanto, visto que a seção objetiva apresentar a análise bíblico-teológica das personagens do Apocalipse 12, conforme visto na introdução, pode-se dar por concluída essa tarefa, tendo em vista que, no momento relativo ao combate no céu (vv. 7-12), a outra personagem, Miguel, “entra em cena sem necessidade de que seja feita sua apresentação. Já era conhecido na tradição apocalíptica. Ele é o protetor de Israel, o povo de Deus”.

Também se leva em consideração que, no outro momento da Mulher e o Dragão (vv. 13-17), não são apresentadas novas personagens. Dessa forma, passa-se agora para a análise do contexto sócio-histórico do Ap 12.

## 2. Contexto sócio-histórico de Ap 12

O autor do Apocalipse se utiliza de algum conto popular de origem mitológica e de um simbolismo abrangente, representando uma grande luta histórica, o Ap 12 tem um fundo mitológico. As figuras da mulher, do dragão e da criança estão presentes em muitas culturas. Porém, no capítulo em questão, como refere Boff: “a linguagem mitológica é

<sup>26</sup> BOFF, C. M., Mariologia social, p. 389.

<sup>27</sup> CASALEGNO, A., E o cordeiro os vencerá, p. 140.

<sup>28</sup> WEILER, L., Mulher-Maria-Comunidade-Povo, p. 75.

<sup>29</sup> ARENS, E.; DÍAZ MATEOS, M., O apocalipse, p. 214.

usada em função de uma mensagem absolutamente cristã, de modo que aqueles mitos aparecem apenas como profecias pagãs cujo cumprimento real se encontra em Cristo”.<sup>30</sup>

Além da questão mitológica, Vanni<sup>31</sup> destaca o vasto simbolismo referenciado no Antigo Testamento utilizado pelo autor do Apocalipse, representado na imagem da Mulher o povo de Deus e, na do Dragão as forças antitéticas contrárias à história da salvação.

Mesters e Orofino<sup>32</sup> destacam que o capítulo 12 apresenta um resumo da história da humanidade, da criação até o momento em que o livro foi escrito, período no qual as comunidades cristãs estão sendo hostilizadas pelo poderio do mal, ou seja, a política do Império Romano. Nesse mesmo sentido, segundo Ladd,<sup>33</sup> vemos nas figuras do Dragão (vv. 3-4) e da Mulher (vv. 1-2) a representação histórica do povo de Deus – a Igreja –, em confronto com as forças do mal, isto é, as forças contrárias à comunidade.

O combate travado entre Deus e o mal tem ocorrido há muito tempo, não sendo uma luta recente, tendo sua origem no Antigo Testamento. Também fazem parte a crucificação de Cristo e o martírio dos cristãos do final do primeiro século. “Isso é representado no grande sinal da mulher em dores de parto, a qual representa Israel e a Igreja, pois ambos receberam a missão de dar o messias ao mundo”, Andrade<sup>34,34</sup> assim menciona:

Essa narrativa da mulher e do dragão elucida tanto os acontecimentos da vida de Jesus como os que estavam transcorrendo no final do século I E.C. As potências políticas divinizadas sabem que seus poderes são ilegítimos e que deverão submeter-se ao verdadeiro Reino de Deus.<sup>35</sup>

A partir dessas afirmações, podemos associar a simbologia utilizada no Apocalipse a um arquétipo do mal que está relacionado à questão da opressão da parte do poderio romano e das dificuldades internas e externas que o cristianismo inicialmente passou. Weiler entende que o gênero apocalíptico constitui uma forma própria de anúncio da Boa-nova nos tempos de crise e perseguição, aponta a crise como uma causa de interferência interna e a perseguição de fatores de origem externa.

Nessa perspectiva, Melo<sup>36</sup> ao traçar um panorama do contexto sociopolítico da comunidade joanina na Ásia Menor na segunda metade do século I, demonstra sua composição judaico-cristã. Traz ainda uma abertura a outros grupos judaicos, como samaritanos e os membros da comunidade de Qumran, e frequentes crises externas e internas desenhadas por perseguições e opressões, sejam advindas do Império e ou de divisões internas da comunidade.

As dificuldades externas e internas vividas pelas comunidades podem ser vistas no quadro abaixo, baseado em Mesters e Orofino:<sup>37</sup>

<sup>30</sup> BOFF, C. M., *Mariologia social*, p. 382.

<sup>31</sup> VANNI, H., *Apocalipse*, p. 66-67.

<sup>32</sup> MESTERS, C.; OROFINO, F., *Apocalipse de São João*, p. 252.

<sup>33</sup> LADD, G., *Apocalipse*, p. 124.

<sup>34</sup> ANDRADE, A. L. P. de., *Eis que faço novas todas as coisas*, p. 106-107.

<sup>35</sup> ANDRADE, A. L. P. de., *Eis que faço novas todas as coisas*, p. 106-107.

<sup>36</sup> MELO, J. R., *A simbolização da resistência política no discurso apocalíptico joanino*, p. 45-54.

<sup>37</sup> MESTERS, C.; OROFINO, F., *Apocalipse de São João*, p. 252.

## Quadro - Dificuldades Internas e Externas

INTERNAS	EXTERNAS
perseguição violenta por parte do império, com prisões e martírios aos cristãos (estando preso o próprio autor do Apocalipse quando o escreveu); controle absoluto do império, ninguém escapava da vigilância; infiltração nas comunidades, para identificar os que não aderiram; impedimento de comprar ou vender para quem não apoiasse o regime do império; culto imperial;	cansaço natural, após tantos anos de caminhada; diminuição do fervor inicial; falsos líderes que se apresentavam como apóstolos e não eram; as doutrinas errôneas que traziam confusão; perseguições por parte dos judeus; outras religiões que se misturavam com a fé em Jesus; algumas comunidades morrendo; outras, haviam perdido o vigor, mas continuavam firmes na fé, em geral, constituída por gente pobre; comunidades mais ricas acomodadas, iludidas pela sua riqueza.

Fonte - MESTERS, Carlos. OROFINO, Francisco. Apocalipse de João: Esperança, Coragem e Alegria. Círculos Bíblicos, Editora Paulus, 2002.

Diante de todos esses desafios, era muito difícil sustentar a fé, necessitando de uma palavra de esclarecimento, de conforto e de coragem. Entretanto, por trás de todas essas dificuldades trava-se a grande batalha entre o bem e o mal, entre a justiça e a injustiça, entre a liberdade e a opressão.

Existem diferentes concepções do mal na história da tradição bíblica, na perspectiva profética, “Deus é o senhor tanto do bem quanto do mal”. LARA Por sua vez, no período chamado pós exílico, a tradição bíblica desenvolveu uma visão bastante complexa da angelologia, desencadeando novas concepções do mal. Ainda citando Lara:

O mal não é mais uma prerrogativa exclusiva e pedagógica de Deus, mas de seres celestiais decaídos (Ap 12,9). Estes são responsáveis em grande parte pela maldade presente no mundo. São eles os grandes sedutores das ações humanas (Gn 3,1; Ap 12,7-9) que escolhem a prática do mal. É o que acontece com Judas Iscariotes ao traír Jesus (Jó 13,2.27).<sup>38</sup>

De acordo com Andrade, definitivamente o mal não é prerrogativa divina, tão pouco de um deus. Os escritos bíblicos encorajam a enfrentá-lo e a resistir a ele, bem como atuar para sua superação:

A Bíblia enfrenta o problema do mal discernindo, à luz de uma profunda experiência de fé, a atuação dele na história, ou seja, no âmbito da criação. A Escritura descreve o que o mal está fazendo; encoraja a humanidade a enfrentá-lo; assegura que ele não é uma divindade e que pode e deve ser destruído; elucida a ação de Deus no combate ao mal; garante que no final haverá um mundo sem o mal e que este deve ser o horizonte a partir do qual nossas ações no tempo presente devem ser geradas.<sup>39</sup>

<sup>38</sup> LARA, V. L., Por que o mal existe?, p. 130.

<sup>39</sup> ANDRADE, A. L. P. de., Eis que faço novas todas as coisas, p. 108.

A resposta aos questionamentos das comunidades, diante de toda a situação vivida, já anunciava a vitória sobre o mal. O livro do Apocalipse é a resposta de Deus ao povo aflito e perseguido das comunidades, ajudando-as a entender o que estava acontecendo e “incentivando-as a superar a crise de fé provocada pelas perseguições e pelas divisões e tensões internas” como mencionam Mesters e Orofino,<sup>40</sup> de acordo com Andrade:

Esse tipo de resposta ao problema do mal frustra a mentalidade moderna ocidental. Pensamos que merecíamos ter algo mais racional do que serpentes e dragões como resposta ao terrorismo, à violência urbana e à propagação de doenças. Mas a Bíblia não pretende dar nenhuma explicação metafísica sobre o surgimento do mal, ela apenas discerne sua atuação contra a criação de Deus, ou seja, contra o mundo e o ser humano.<sup>41</sup>

Sobre tal afirmação, verifica-se a importância, como povo de Deus, do conhecimento da Palavra de Deus. O Apocalipse tem essencialmente como fonte de inspiração o Antigo Testamento, “ao qual se faz alusão, direta ou indiretamente, mais de quinhentas vezes”.<sup>42</sup> Contudo, de maneira distinta de outros autores do Novo Testamento, Vanni assim descreve a posição de João no íterim do texto de Ap:

o autor desse livro “não introduz suas citações com referência explícita [...], mas as integra no corpo de seu próprio discurso, como se fossem palavras suas. Variantes significativas com relação ao original veterotestamentário indicam às vezes uma interpretação própria do autor e, geralmente, o enredo abrangente de alusões e de referências põe o Antigo Testamento em contato contínuo com o Novo”.<sup>43</sup>

Assim, sem um entendimento adequado do Antigo Testamento a compreensão do livro do Apocalipse fica prejudicada. Nas palavras de Vanni, “o Novo Testamento constitui seu ponto de chegada, mas sem uma compreensão adequada do Antigo, tornar-se-ia ininteligível”.<sup>44</sup>

## Conclusão

Verifica-se a importância de se dirimir os preconceitos, os fundamentalismos e as fantasias em relação à literatura do Apocalipse, especialmente em relação a essas imagens presentes no relato do Ap 12, sobretudo, à compreensão do mal. Observou-se o papel que os arquétipos desempenham no íterim de um determinado contexto, elucidando, configurando determinados sentidos que escapam das vontades, sendo um elemento emancipado e significativo, oriundo de construções do de um consciente coletivo.

Os arquétipos personificados nas figuras demonstram interpretações que

<sup>40</sup> MESTERS, C.; OROFINO, F., Apocalipse de São João, p. 69.

<sup>41</sup> ANDRADE, A. L. P. de., Eis que faço novas todas as coisas, p. 108.

<sup>42</sup> CUVILLIER, É., O Apocalipse de João, p. 497.

<sup>43</sup> VANNI, H., Apocalipse, p. 31.

<sup>44</sup> LADD, G., Apocalipse, p. 124.

demandam um aprofundamento dos significados inerentes aos contextos no qual estão contidos, extrapolando-os e atingindo diferentes esferas.

No tocante ao mal, especialmente frente a estes tempos difíceis de grandes tribulações, fazendo lembrar que Deus está no controle de tudo, fomentando a fé e a esperança, e ainda convidando à resistência e à superação do mal, que é fruto deste mundo e não de origem divina.

Ademais, verificamos que o mal descrito no Ap 12 se relaciona com políticas que fomentam estruturas injustas de poder que depreciam e exploram a vida humana. Sempre que o poder econômico-político figurar em primeiro plano em relação à vida; eis a identidade do mal.

### Referências bibliográficas

ANDRADE, A. L. P. de. **Eis que faço novas todas as coisas**: teologia apocalíptica. São Paulo: Paulinas, 2012.

ARENS, E.; DÍAZ MATEOS, M. **O apocalipse**: a força da esperança. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

**BÍBLIA DE JERUSALÉM**, São Paulo: Paulus, 2002.

BOFF, C. M. **Mariologia social**: o significado da virgem para a sociedade. São Paulo: Paulus, 2006.

CASALEGNO, A. **E o cordeiro os vencerá**: leitura exegético-teológica do livro do Apocalipse. São Paulo: Edições Loyola, 2017.

CUVILLIER, É. O Apocalipse de João. In: MARGUERAT, D. **Novo Testamento**: história, escritura e teologia. São Paulo: Edições Loyola, 2015. p. 493-514.

EDINGER, E. F. **Arquétipo do Apocalipse**: vingança Divina, terrorismo e o fim do mundo. Rio de Janeiro: Vozes, 2023.

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

LADD, G. **Apocalipse**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2014.

LARA, V. L. Por que o mal existe? In: SILVA, A. W. C.; BARBOSA, L. F.; ZACHARIAS, R. **Antropologia teológica**: pensar humano na universidade. São Paulo: Ideias e Letras, 2017.

LIMA, A. de. O. Apocalipse 12: um conjunto literário. **Perspectiva Teológica**, v. 42, n. 117, p. 205-226, 2010. Disponível em <<https://doi.org/10.20911/21768757v42n117p205/2010>> Acesso em 20 de abril de 2020.

MANUAL de Publicação da APA/ American Psychological Association – 6. Ed. – Porto Alegre: Penso, 2012. 304 p.: il.; 25 cm.

MELO, J. R. A simbolização da resistência política no discurso apocalíptico joanino: mito e libertação no alvorecer do cristianismo. **Paralellus**, v. 2, n. 3, p. 45-54, 2011. Disponível em: <<https://doi.org/10.25247/paralellus.2011.v2n3.p45-54>>. Acesso em 30 de abril de 2020.

MESTERS, C.; OROFINO, F., **Apocalipse de João**: Esperança, Coragem e Alegria. Círculos Bíblicos. São Paulo: Paulus, 2002.

MESTERS, C.; OROFINO, F. **Apocalipse de São João**: a teimosia da fé dos pequenos. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2008. ed. 3.

VANNI, H. **Apocalipse**: uma assembleia litúrgica interpreta a história. São Paulo: Paulinas, 1984.

WEILER, L. Mulher-Maria-Comunidade-Povo: A mulher no apocalipse 12. **Revista de Interpretação Bíblica Latino-americana**, n. 46, p. 69-80, 2003.

*Luiz Henrique Gregório de Lima*

Mestre em Teologia pela PUC – Pernambuco

Pernambuco / PE – Brasil

Email: limalhg. Fono@gmail.com